
CISION®
PRESS BOOK

Revista de Imprensa

1. Federação de Andebol promove formações "on-line" gratuitas, Diário de Aveiro, 30/03/2020 1

2. Andebol - Gustavo está internado, Jogo (O), 30/03/2020 2

3. Andebol - "Aqui, após a batalha confraternizo" - Entrevista a Hugo Figueira, Jogo (O), 30/03/2020 3

4. Andebol, Record, 30/03/2020 6

CISION

Diário de Aveiro

ID: 85701138

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 23
Cores: Cor
Área: 13,57 x 2,36 cm²
Corte: 1 de 1



Federação de Andebol promove formações "on-line" gratuitas

A Federação de Andebol de Portugal inicia, hoje, um ciclo de acções de formação "on-line", com inscrição gratuita. As mesmas destinam-se aos vários agentes desportivos da modalidade, nomeadamente treinadores, dirigentes e atletas.

CISION

ID: 85699340

O JOGO

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 28
Cores: Preto e Branco
Área: 4,35 x 9,48 cm²
Corte: 1 de 1





ANDEBOL GUSTAVO ESTÁ INTERNADO

Gustavo Rodrigues, lateral-direito que representou o FC Porto durante três épocas, nas quais conquistou três campeonatos, poderá estar infetado com a covid-19. A situação do internacional brasileiro de 25 anos, que joga na equipa francesa de Pontault, onde alinha o guarda-redes João Moniz, está a preocupar, pois é de alguma gravidade. —A.F.

CISION

ID: 85699303

O JOGO

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 3



ENTREVISTA

"Aqui, após a batalha



HUGO FIGUEIRA

14

Figueira soma 14 títulos: dois campeonatos (FC Porto), quatro Taças de Portugal, quatro Supertaças, duas Taças da Liga, uma Taça Presidente da República e uma Taça do Luxemburgo

137

A par de Fábio Magalhães (FC Porto), Hugo Figueira é o jogador em atividade com mais internacionalizações A: 137. No total, soma 185 – as tais 137 A, mais 6 B e 42 de juniores

CISION

ID: 85699303

O JOGO

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 25
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 2 de 3



confraternizo”

ANDEBOL Hugo Figueira, a cumprir a primeira temporada no Handball Esch, do Luxemburgo, deu uma entrevista de vida a O JOGO, onde fala de tudo

O guarda-redes, natural do Montijo, já tinha jogado em Espanha (Algeciras, em 2005/06, e Aranda del Duero, em 2006/07), estando agora, aos 40 anos, com a mulher e as filhas no Luxemburgo

RUI GUIMARÃES

●●● Diz que se tinha informado, com dois colegas e amigos, tendo recebido boas indicações, mas, mesmo assim, ficou surpreendido com a qualidade do campeonato no Luxemburgo.

Como está a correr mais uma experiência fora, tantos anos depois das primeiras?

—A experiência está a ser bastante boa. Quando aceitei vir para o Luxemburgo, embora tivesse alguma informação prévia de alguns amigos que vivem aqui – um dos quais o Bruno Dias, mais conhecido por Giga, e outro o Hugo Pinto, que jogou comigo no Sporting –, não esperava encontrar uma liga tão competitiva. De facto, esta liga é-o. Há uma rivalidade muito grande entre todas as equipas, o jogo é uma autêntica batalha, no bom sentido, claro, mas no final há confraternização entre todos: árbitros, diretores, jogadores e público de ambas as equipas. No início achei estranho, pois, em Portugal, não estamos habituados a esta realidade, mas é algo espetacular. Esta visão sociocultural do desporto no norte da Europa é muito diferente da nossa. Imagine-se só o Benfica ir jogar com o FC Porto ao Dragão Arena, ou vice-versa, e no final estarem todos os envolvidos a confraternizar. Impensável...

Desta vez foi com a família, ao contrário das primeiras, não?

—Quando joguei em Espanha, a Márcia [esposa] esteve comigo, mas não tínhamos filhotas ainda. Portanto, foi tudo mais fácil, porque éramos só nós os dois. Aliás, esses foram dois anos excelentes. Quando surgiu a oportunidade de vir para aqui, tivemos de pensar bem, porque, quando se tem filhos, pensa-se sempre neles em primeiro lugar. Não sabíamos se elas se iam adaptar ao país, se se iam adaptar à escola, até por a língua ser muito diferente – aqui são três línguas oficiais, luxemburguês, alemão e francês –, entre outras coisas. Mas pesados os prós e os contras, achamos que só fazia sentido eu vir se viéssemos os quatro. E tem sido excelente, as miúdas adaptaram-se muitíssimo bem à escola, o “feedback” que temos é excelente e adoram estar aqui.

Como é o andebol no Luxemburgo? Quais as principais diferenças para o andebol em Portugal?

—O andebol aqui é semiprofissional, ou seja, as equipas são constituídas por cinco/seis jogadores profissionais e os restantes estudam ou trabalham, só treinando ao final do dia. Se compararmos com a atualidade do andebol português, está uns níveis abaixo dos três grandes, FC Porto, Benfica e Sporting, mas enquadra-se logo a seguir, ou seja, está ao nível de Águas Santas, Belenenses, Madeira SAD...

Como é o seu dia a dia? As suas filhas também já jogam...

— O dia aqui começa bem cedo. Vou levar as minhas filhas à escola, algo que não conseguia em Portugal, treino de manhã duas vezes por semana e regresso a casa para almoçar com a família. Às 16h00 vou buscar as miúdas à escola e ao fim do dia volto a treinar. As minhas filhas, a Maria, que tem cinco anos, e a Mafalda, de dez, ambas jogam andebol aqui no clube, o Handball Esch, e adoram. Aqui, as equipas são mistas. A Maria faz parte dos sub-8 e a Mafalda dos sub-13, sendo a única menina da equipa. Adoram jogar andebol e conviver com os amigos. A Mafalda, por exemplo, gosta de ir sempre comigo para os jogos com antecedência, brincar com os outros miúdos da formação, é uma alegria. Tem sido muito bom, a vinda proporcionou-me ter muito mais tempo de qualidade com a minha família.

É uma família de andebolistas...

—A Mafalda já jogava no Colégio de Gaia. Ela estudava lá e começou a jogar lá, tal como a mãe. Mas a Maria não gostava de andebol, só queria futebol. Mas, quando chegou cá, foi experimentar e adorou. Talvez porque, aqui nos sub-8, funciona um pouco diferente, eles não jogam mesmo andebol; fazem atividades lúdicas e pedagógicas, exercícios de coordenação de base orientados para o andebol, havendo um encontro por mês.



Amigos Giga e Hugo Figueira

Bruno Dias, conhecido por Giga, que joga no Diekirch, foi um dos amigos com quem Hugo Figueira se aconselhou antes de se mudar para o Luxemburgo. Teve boas dicas, mas, ainda assim, surpreendeu-se

HUGO FIGUEIRA

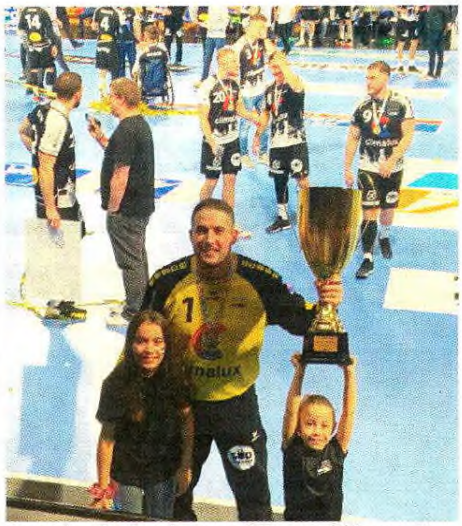
“Imagine-se só o Benfica ir jogar com o FC Porto ao Dragão Arena, ou vice-versa, e no final estarem todos os envolvidos a confraternizar. Impensável...”

“Andebol aqui está ao nível de Águas Santas, Belenenses, Madeira SAD”

“Aqui vou levar as minhas filhas à escola, algo que não conseguia em Portugal”

“Pesados os prós e os contras, achamos que só fazia sentido eu vir se viéssemos os quatro”

“Aqui, nos sub-8, fazem atividades lúdicas e pedagógicas”



Hugo Figueira festeja com as filhas, Mafalda e Maria

“Nunca direi não ao meu país”

Sendo dos jogadores mais internacionais de sempre, Hugo Figueira continua disponível

●●● Esteve na fase de apuramento para o campeonato da Europa, mas depois não foi ao Europeu, tendo vibrado de fora. Diz que o clique se deu quando o FC Porto começou a ganhar a grandes equipas.

Ainda conta voltar à Seleção Nacional?

—Estarei sempre disponível para representar a Seleção Nacional. Se as pessoas responsáveis acharem que precisam da minha ajuda, nunca direi “não” ao meu país. Mas as redes da nossa Seleção estão bem entregues, como se viu no último Europeu.

Como viveu de fora a campanha no Europeu?

—Vivi mesmo de forma muito intensa. Quando estamos fora, ainda valorizamos mais as “nossas” conquistas. Houve jogos que coincidiram com os meus treinos e só vi parte. Mas foi espetacular! Acho que ninguém acreditava que Portugal chegasse tão longe depois de ter estado tantos anos ausente de uma grande competição. O melhor resultado até então, o 7.º lugar, tinha sido há 20 anos, no campeonato da Europa de 2000, na Croácia, onde eu também estive. Depois de tantos anos ficar logo em 6.º lugar foi absolutamente espetacular. E ainda termos a possibilidade de disputar o torneio pré-olímpico é, sem dúvida, sensacional. Mas quem conhece bem esta equipa sabe que a capacidade de superação e de acreditar é gigante e, na verdade, temos jogadores incríveis.

Quando se deu esta viragem?

—Acho que o clique se deu quando o FC Porto começou a ganhar a grandes equipas internacionais, e a eliminação do Magdeburgo na Taça EHF no ano passado foi o mote. Os jogadores portugueses perceberam que têm capacidade de vencer qualquer um. E depois, na Seleção, ganhamos à gigante França em Guimarães e realmente percebemos que o céu é o limite. Portugal está de parabéns!

E das equipas portuguesas nas competições europeias?

—As equipas portuguesas têm feito um percurso brilhante, e isso também foi fundamental nos resultados que Seleção fez. Foram demasiados anos longe dos grandes palcos e, agora que lá chegamos, não podemos voltar a sair. Para melhorarmos, temos sempre de estar entre os melhores, e é importante que se continue a trabalhar para que nos próximos anos possamos estar nas competições internacionais, tanto a nível de clubes como de seleções. Parabéns aos clubes por todo o trabalho desenvolvido. Acredito que ainda virão muitos bons resultados este ano nas competições europeias; o Benfica e o FC Porto estão ainda em prova e a dar cartas contra equipas de orçamentos estratosféricos.

CISION

ID: 85699303

O JOGO

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 26
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 3 de 3



CARREIRA Guarda-redes jogou em vários clubes, destacando-se ABC, dragões, leões e águias

"No Benfica, joguei no clube do meu coração"



José Carmo / Global Imagens

Hugo Figueira passou por muitos clubes, alguns mais modestos, como ISMAI, FC Maia e FC Gaia, mas teve uma carreira rara, com passagens pelos três grandes de Portugal

●●● Experiente guardião disse a O JOGO ser um confesso benfiquista.

Quando olha para a sua carreira feita em Portugal, mudaria alguma decisão?

—É difícil dizer, porque a maturidade que vamos ganhando ao longo da vida é que nos permite ter outra visão das situações. Com 18 anos, não temos as mesmas vivências nem a mesma capacidade de decisão que temos com 38. Aos 18 anos, achamos que somos os donos do mundo e depois alguém se encarrega, e bem, de nos mostrar que não. Errar faz parte do ser humano e isso faz crescer. Uma coisa é certa: orgulho-me da minha carreira, do meu percurso e de ter aprendido com os melhores. Tenho feito grandes amigos no andebol, e isso é o mais importante. Se, aliado a isto, juntar os títulos que conquistei com muitos deles, posso dar-me por muito satisfeito. Tem sido um prazer jogar andebol há 32 anos!

Passou pelos três grandes. Como foram essas épocas?

—Todos os clubes por onde passei permitiram-me construir uma história, tiveram um significado impactante na minha carreira. São os três clubes gigantes de Portugal. Quando cheguei ao FC Porto, era uma promessa, tentei aproveitar ao máximo para aprender e crescer com os melhores. Eram jogadores fantásticos, como o Carlos Ferreira, o Carlos Resende, o Eduardo Filipe, o Ricardo Costa, o Dedu, o Manuel Arezes, o Petric, o Carlos Matos, o David Tavares, o Rui Rocha, entre outros. Tinha de aproveitar para absorver o máximo. Ganhámos tudo o que havia para ganhar a nível nacional, pena foi o diferendo entre liga e federação e, por esse motivo, não fomos às competições europeias. Ao Sporting, após uma época extraordinária no ABC, onde fui o melhor guarda-redes do campeonato, cheguei já como uma confirmação. Foram três anos um pouco instáveis a nível diretivo, com mudança de presidentes e de treinadores; em três anos tivemos três técnicos. Apesar de nunca termos sido campeões, conseguimos vencer duas Taças de Portugal e uma Supertaça, pouco para um clube como o Sporting. No Benfica, consegui alcançar um sonho de miúdo, ou seja, jogar no clube do coração. Ser benfiquista é uma coisa, mas sentir o Benfica no dia a dia como profissional é algo que não se explica, sente-se. Poder ajudar o clube do coração a ganhar títulos é de outra dimensão. Esta é a minha única tristeza, o amargo de boca, sair do Benfica sem ter dado essa alegria aos sócios, o título de campeão nacional, embora tenha ganho outros títulos.

> "No FC Porto ganhámos tudo o que havia para ganhar a nível nacional"

Qual o melhor momento da sua carreira?

—Não é fácil enumerar um momento, depois de ter conquistado 14 títulos ao longo deste percurso. Todos foram importantes e não consigo dizer qual o mais importante ou o mais difícil de conquistar. Mas, a nível pessoal, para mim, o dia em que assinei pelo Benfica foi um dos mais felizes da minha vida: jogar andebol, algo que amo, no meu clube de coração foi um sonho realizado.

E o pior?

—As lesões. Tive duas lesões mais graves, que obrigaram a intervenção cirúrgica. Mas quem anda à chuva molha-se e as lesões são ossos do ofício. Tenho, apesar de tudo, sorte de não ter tido até ao momento lesões demasiado graves.

RÁPIDAS

Melhor jogador português?
—Carlos Resende.

Melhor guarda-redes português?
—Carlos Ferreira.

Melhor jogador do mundo?
—Mikkel Hansen [dinamarquês].

Melhor guarda-redes do mundo?
—Arpad Sterbik [sérvio, naturalizado espanhol e húngaro].

Um treinador que o marcou e porquê?
—Carlos Ferreira, como treinador de guarda-redes do ABC. Quando era pequeno, era o meu ídolo e depois tive a oportunidade de ser treinado por ele. Aliás, essa foi uma das minhas melhores épocas e isso diz tudo. Ensinou-me imenso não só a nível de treino, mas como homem.

Um dirigente?
—Armando Fernandes, do ABC. É um senhor, sempre preocupado connosco e com a nossa família. Teve um gesto comigo quando nasceu a Mafalda de que não me vou esquecer. Era sempre muito atencioso!

Uma pessoa do andebol que seja extremamente especial?
—Em 32 anos de andebol, se conseguisse resumir a uma só pessoa, seria extremamente injusto. Como já disse, tenho feito muitos amigos neste percurso. Mas nos últimos anos, quando estive a jogar em Lisboa e a minha mulher e as minhas filhas estavam em Gaia, houve uma pessoa que me apoiou sempre, alguém que estava sempre lá para me ajudar nos momentos menos bons. Refiro-me ao Ricardo Pesqueira. O Ricardo é um amigo de coração gigante, um homem de princípios, de grande carácter e humildade acima da média. Ele foi fundamental para mim, principalmente no último ano em que joguei no Benfica. É um amigo fora de série e para toda a vida!



"As miúdas estão a ter aulas em casa"

●●● A covid-19 é um problema global, tendo os responsáveis luxemburgueses decretado o estado de emergência um dia antes de Portugal.

Como é o estado de emergência no Luxemburgo?

—Aqui, o primeiro-ministro decretou estado de emergência por três meses, sujeito a reavaliação. Basicamente, aquilo que nos pedem é que fiquemos em casa, saindo só por extrema necessidade: idas ao supermercado, por motivos de saúde, idas à farmácia, etc. Podemos sair sem ter de apresentar qualquer documento à polícia, mas não podemos ter contacto social com pessoas na rua. Está tudo fechado, com exceção de hospitais, farmácias, bombas de gasolina e supermercados.

Qual é a realidade da covid-19 no Luxemburgo?

—Até há uma semana estávamos bastante tranquilos, só havia sete casos confirmados. No espaço de pouco mais de duas semanas estamos com 1915 infetados e 21 mortes, o que é uma evolução significativa, tendo em conta que a população do Luxemburgo é de aproximadamente 600 mil habitantes.

Como é que convivem com a situação?

—Estamos calmos, a fazer a nossa parte, que é cumprir a quarentena, mantendo-nos em casa. Só saímos mesmo para ir comprar comida, de resto estamos sempre em casa. As miúdas estão a ter aulas em casa através de plataformas digitais. Treino em casa, dentro das limitações de espaço e material, tentando manter-me ativo o mais possível. Esperemos que se consiga, o mais rapidamente possível, voltar à normalidade, em segurança para todos. O mundo não estava preparado para a dimensão deste problema, mas acredito que vamos todos ficar bem!

"Esta é a minha vida desde os oito anos"

●●● Licenciado em Educação Física e Desporto, Hugo Figueira quer manter-se sempre ligado ao andebol.

Quantos anos mais conta jogar?

—Sinceramente não sei. Sinto-me bem, capaz e em condições de dar o meu contributo. Enquanto me sentir útil e capaz, irei continuar. Depois logo se vê, a vida tem-me ensinado a viver o presente sem pensar demasiado a longo prazo. Cada coisa tem o seu momento!

Depois de deixar de jogar, conta ficar ligado à modalidade?

—Sim, gostava muito. O andebol é a minha vida desde os oito anos. É uma paixão, um vício. Gostaria de ficar ligado, principalmente à área do treino de guarda-redes. Tirei a licenciatura em Educação Física e Desporto, com especialização em Treino Desportivo, na Universidade Lusófona, e o tema da minha monografia foi precisamente relacionado com os guarda-redes de andebol. Gostava muito de poder pôr em prática aquilo que aprendi ao longo da minha carreira desportiva e académica.—R.G.

CISION

ID: 85698782

Record

30-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 4,64 x 5,25 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL. Mariana Lopes (Thuringer HC) e Mónica Soares (Füchse Berlim, atualmente a jogar na Alemanha, optaram por regressar para junto da família, para enfrentar em casa a pandemia. "Assim que senti que a situação estava a agravar, decidi voltar para Portugal", disse Mariana Lopes, ao site da FPA. "O clube disponibilizou às atletas planos de treino e temos mantido contacto", relatou Mónica Soares.